

Orgulho de ser extensionista do IFRS – Campus BG¹

Sirlei Bortolini²

Resumo

Este artigo relata as ações que foram realizadas por mim e pela equipe do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFRS – *Campus* Bento Gonçalves (NEABI/BG) no período de janeiro de 2013 até a data de hoje. Em 2015, lançamos o Programa Resgatando raízes: a influência dos indígenas e africanos na formação do povo e da cultura brasileira, o qual nos permitiu a prática de diversas ações de extensão, sendo que, algumas delas estão sendo evidenciadas no texto. Também relato como é ser uma extensionista, minha realização pessoal adquirida e como a função de coordenadora do NEABI/BG auxiliou em meu crescimento profissional, entre as quais, algumas estão sendo evidenciadas neste relato.

Palavras-chave: Extensão. Ações afro-brasileiras e indígenas.

Introdução

Considero que minha atuação como extensionista foi uma etapa muito valiosa em minha vida, pois, muito aprendi e muito compartilhei. Estar na coordenação do NEABI/BG (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFRS - *Campus* Bento Gonçalves) me tornou uma pessoa muito melhor, mais humana e sensível. Consegui enxergar as pessoas por outro prisma. Ampliei meu foco de percepção. Aprendi que o respeito e a dignidade fazem parte de nosso cotidiano e todas as atividades que envolvem o outro sujeito são de extrema importância pois estamos articulando com vidas, seres humanos, angústias e sentimentos.

Fazer extensão é abrir as portas do nosso local para que a comunidade externa participe junto conosco de ações que são realizadas dentro do *campus*, mas principalmente, é levar até a comunidade externa todo o nosso conhecimento, nossos potenciais e interagir com a diversidade que existe além de nosso espaço.

Desenvolvimento

O local onde o NEABI/BG está instalado é a antiga casa dos diretores a qual foi cedida para a criação dos núcleos de inclusão. Nesta casa estão alocados os núcleos: NEPGS, NAPNE, NEABI e o CRTA (Centro de Tecnológico de Acessibilidade do IFRS).

¹ Programa de Extensão: Resgatando Raízes: a influência dos indígenas e africanos na formação do povo e da cultura brasileira. 2015 a 2022.

² Mestra em Ciências pela UFRRJ. Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves. E-mail: sirlei.bortolini@bento.ifrs.edu.br



📍 **Figura 1.** Local dos núcleos do IFRS – Campus BG. Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).

A sala do NEABI/BG possui uma pequena biblioteca, computadores, móveis, mesa de reunião e os acervos como estatuetas, quadros e utensílios que reportam as etnias indígenas e africanas.

Conviver com outras realidades, com outras pessoas, aprender juntos, compartilhar conhecimentos e saber discernir onde e como nossas ações podem contribuir para o engrandecimento de outros sujeitos representam o maior papel da extensão.

O NEABI/BG iniciou suas atividades em 2012, porém assumi a coordenação em 2013 e desde então permaneço nesse cargo. Ao longo desses 9 anos, posso falar das atividades que eu exerci como coordenadora. Foram momentos de muito aprendizado e muitas alegrias. Iniciamos pequenos, com algumas ações não muito expressivas, mas aos poucos fomos conquistando nosso espaço. Hoje, podemos dizer que temos um conceito muito importante dentro da comunidade bentogonçalvense, fazendo com que o projeto de extensão utilize a verdadeira expressão de sua existência.

Aos poucos, fizemos parcerias, criamos laços, participamos e proporcionamos eventos, frequentamos escolas, visitamos comunidades quilombolas e indígenas, mantivemos contato com os imigrantes haitianos e senegaleses, auxiliamos comunidades carentes, praticamos ações de ensino, pesquisa, além das mais diversas atividades de extensão.

As principais ações deste núcleo iniciaram com a criação do “Programa Resgatando Raízes: a influência dos indígenas e africanos na formação do povo e da cultura brasileira”. Dentro desse Programa muitas ações ocorreram, desde simplesmente conversar com os estudantes, ouvir seus relatos, saber de suas dificuldades como alunos cotistas, fazer o papel de mãe e conselheira, auxiliá-los em seus afazeres e proporcionar uma



📍 **Figura 2.** Aldeia Indígena Kaingang de Bento Gonçalves.

Fonte: NEABI/BG (2019).

mudança de atitude e de pertencimento até o envolvimento com a comunidade externa, onde as ações envolveram muitas pessoas, famílias, crenças e saberes.

Sempre pensei que fazer extensão é estar junto, envolver a comunidade na construção de saberes, é saber ouvi-los e respeitar a opinião dos mesmos. É criar estratégias para que todos sejam contemplados tanto a comunidade externa como o *campus* que oferece as atividades. É uma via de mão-dupla, na qual todos são beneficiados e todos os sujeitos envolvidos participam da construção da ação em si. É estar nos locais onde as ações acontecem, sair dos limites do *campus* e se envolver com os acontecimentos em loco, é participar junto da comunidade e presenciar cada momento vivido pelas pessoas que ali convivem.

Por isso, visitamos algumas comunidades indígenas do RS, algumas de longe como Nonoai, Tenente Portela, Missões, Osório e, outras mais próximas, como: a comunidade de Farroupilha e a de Bento Gonçalves. Junto a estas comunidades pudemos executar trabalhos importantes, auxiliando-os nos contatos com os agentes de saúde, secretarias municipais, universidades e institutos locais, e colaborar na participação dos processos seletivos para ingresso nos *campi* do IFRS. Juntos, construímos projetos para fortalecer essas comunidades, além de dar apoio quando enfrentavam dificuldades de comunicação e não sabiam a quem direcionar em seus questionamentos e dúvidas.

Também buscamos conhecer mais sobre a realidade de nossa cidade, saber as origens dos negros e indígenas que habitam nossa região, verificação de fatos relevantes e buscando informações dos primeiros habitantes dessas etnias que aqui se estabeleceram. Nos mantendo informados sobre a vivência dos indígenas e dos imigrantes haitianos e senegaleses que estão chegando, seus afazeres e suas dificuldades, permite que o núcleo possa auxiliá-los mais profundamente.



📍 **Figura 3.** Contação de histórias infantis em escolas municipais.

Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).



📍 **Figura 4.** Curso de Capoeira no IFRS – Campus BG.

Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).



📍 **Figura 5.** Curso de Pintura em estatuetas africanas.

Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).

Ser extensionista é articular-se junto à comunidade externa e proporcionar mudanças por onde passa. Mediante a isso, podem ser colocadas como exemplo as atividades realizadas nas escolas, em que aplicamos algumas oficinas como a produção de máscaras utilizadas pelas tribos africanas, de bonecas negras, tanto a boneca de feltro como a abayomi que trazem uma história de vida, de identidade, de aceitação e de valorização das pessoas negras. Podemos citar também a produção de artefatos indígenas como cestas e o filtro do sonho, que é um símbolo indígena, por meio do qual eles sobrevivem obtendo parte de sua renda na venda desse amuleto. Nessa oficina, salienta-se a importância da produção desse objeto que além de filtrar os sonhos, traz sorte e tranquilidade e é um elo entre o presente e o passado e o vínculo dos indígenas com seus ancestrais. Esses momentos serviram para que muitas pessoas se identificassem e percebessem a importância da igualdade racial e da não discriminação.

Aplicamos também oficinas para criancinhas da pré-escola com contação de histórias que relatam a importância da diversidade, mostrando que todos os seres são iguais independentemente de cor e etnia, quando as histórias são contadas por eles. Nessas atividades é primordial que os bolsistas participem e estejam envolvidos; e uma das regras para ser bolsista do NEABI/BG é que os mesmos sejam negros ou indígenas, por isso as crianças se identificam muito mais quando as histórias são contadas.

Ainda, oferecemos cursos e oficinas para os alunos do *campus* dentro das temáticas afro e indígenas, apresentando suas histórias e culturas. Dessa forma, colocamos eles em contato com atividades praticadas por esses povos como é o caso do curso de capoeira e percussão.

Também somos agentes de transformação, tendo em vista que proporcionamos a melhoria de qualidade de vida para algumas pessoas como no caso do Curso de Pintura em Estatuetas Africanas no qual obtivemos o depoimento de uma das alunas que disse: “com o que eu aprendi aqui estou mudando minha vida. Estou pintando as estatuetas em minha casa e vendendo na cidade, com isso estou conseguindo aumentar a minha renda, isso me deixa muito feliz.”

Conclusão

Para mim, ser extensionista é desenvolver um trabalho que envolve o coração e muita emoção. É saber que podemos mudar os ‘pré-conceitos’ que foram criados com o tempo, por falta de conhecimento e convívios inadequados, mostrando a outra realidade. É acreditar que todos podem ter as mesmas oportunidades se houver a igualdade nas intenções. É aprender a escutar e dividir as angústias e ajudar sempre que possível o outro para que alcance as oportunidades desejadas, pois existem pessoas que merecem ser acolhidas por sua experiência e história de vida, é acreditar no potencial de cada um.